

## DOMINGO V DA QUARESMA

### CIC 606-607: a vida de Cristo é oblação ao Pai

**606** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»<sup>1</sup>, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb* 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (*1 Jo* 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (*Jo* 14, 31).

**607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus<sup>2</sup>. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (*Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (*Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28).

### CIC 542, 607: o desejo de Cristo de dar a sua vida para nossa salvação

**542** Cristo está no centro desta reunião dos homens na «família de Deus». Reúne-os à sua volta pela sua palavra, pelos seus sinais que manifestam o Reino de Deus, pelo envio dos discípulos. E realizará a vinda do seu Reino sobretudo pelo grande mistério da sua Páscoa: a sua morte de cruz e a sua ressurreição. «E Eu, uma vez elevado da Terra, atrairei todos a Mim» (*Jo* 12, 32). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo<sup>3</sup>.

**607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus<sup>4</sup>. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (*Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (*Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28).

<sup>1</sup> Cf. *Jo* 6, 38.

<sup>2</sup> Cf. *Lc* 12, 50; 22, 15; *Mt* 16, 21-23.

<sup>3</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

<sup>4</sup> Cf. *Lc* 12, 50; 22, 15; *Mt* 16, 21-23.

## CIC 690, 729: o Espírito glorifica o Filho, o Filho glorifica o Pai

**690** Jesus é Cristo, «ungido», porque o Espírito é d'Ele a Unção; e tudo quanto acontece a partir da Encarnação, decorre desta plenitude<sup>5</sup>. Finalmente, quando Cristo é glorificado<sup>6</sup>, pode, por sua vez, enviar de junto do Pai, o Espírito, aos que crêem n'Ele: comunica-lhes a sua glória<sup>7</sup>, quer dizer, o Espírito Santo que O glorifica<sup>8</sup>. A missão conjunta desenvolver-se-á, a partir desse momento, nos filhos adoptados pelo Pai no Corpo do seu Filho: a missão do Espírito de adopção consistirá em uni-los a Cristo e fazê-los viver n'Ele:

«A noção de unção sugere... que não há nenhuma distância entre o Filho e o Espírito. Com efeito, do mesmo modo que entre a superfície do corpo e a unção do óleo, nem a razão nem os sentidos encontram qualquer entremeio, assim é imediato o contacto do Filho com o Espírito, de tal modo que aquele que vai tomar contacto com o Filho pela fé, tem que contactar primeiro com o óleo. Com efeito, não há parte alguma que esteja despida do Espírito Santo. É por isso que a confissão do Senhorio do Filho se faz no Espírito Santo para aqueles que a recebem, pois o Espírito vem, de todos os lados, ao encontro daqueles que se aproximam pela fé»<sup>9</sup>.

**729** Só quando chega a Hora em que vai ser glorificado, é que Jesus *promete* a vinda do Espírito Santo, pois a sua morte e ressurreição serão o cumprimento da promessa feita aos antepassados<sup>10</sup>. O Espírito da verdade, o outro Paráclito, será dado pelo Pai a pedido de Jesus; será enviado pelo Pai em nome de Jesus; Jesus O enviará de junto do Pai, porque do Pai procede. O Espírito Santo virá, nós O conheceremos, Ele ficará connosco para sempre, habitará connosco; há-de ensinar-nos tudo, há-de lembrar-nos tudo o que Cristo nos disse e dará testemunho d'Ele; conduzir-nos-á à verdade total e glorificará a Cristo. Quanto ao mundo, confundi-lo-á em matéria de pecado, de justiça e de julgamento.

## CIC 662, 2853: a subida de Jesus à Glória é a nossa Vitória

**662** «E Eu, uma vez elevado da terra, atrairei todos a Mim» (*Jo* 12, 32). A elevação na cruz significa e anuncia a elevação da ascensão aos céus. É o princípio dela. Jesus Cristo, o único sacerdote da nova e eterna Aliança, «não entrou num santuário feito por homens [...]. Entrou no próprio céu, a fim de agora se apresentar diante de Deus em nosso favor» (*Heb* 9, 24). Nos céus, Cristo exerce permanentemente o seu sacerdócio, «sempre vivo para interceder a favor daqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus» (*Heb* 7, 25). Como «sumo sacerdote dos bens futuros» (*Heb* 9, 11), Ele é o centro e o actor principal da liturgia que honra o Pai que está nos céus<sup>11</sup>.

<sup>5</sup> Cf. *Jo* 3, 34.

<sup>6</sup> Cf. *Jo* 7, 22.

<sup>7</sup> Cf. *Jo* 17, 22.

<sup>8</sup> Cf. *Jo* 16, 14.

<sup>9</sup> SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Adversus Macedonianos de Spiritu Sancto*, 16: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER-H. LANGER-BECK, v. 3/1 (Leiden 1958) p. 102-103 (PG 45, 1321).

<sup>10</sup> Cf. *Jo* 14, 16-17, 26; 15, 26; 16, 7-15; 17, 26.

<sup>11</sup> Cf. *Ap* 4, 6-11.

**2853** A vitória sobre o «príncipe deste mundo»<sup>12</sup> foi alcançada, numa vez para sempre, na «Hora» em que Jesus livremente Se entregou à morte para nos dar a sua vida. Foi o julgamento deste mundo, e o príncipe deste mundo foi «lançado fora»<sup>13</sup>. «Pôs-se a perseguir a Mulher» (*Ap* 12, 13)<sup>14</sup>, mas não logrou alcançá-la: a nova Eva, «cheia da graça» do Espírito Santo, foi preservada do pecado e da corrupção da morte (Imaculada Conceição e Assunção da santíssima Mãe de Deus, Maria, sempre Virgem). Então, «furioso contra a Mulher, foi fazer guerra contra o resto da sua descendência» (*Ap* 12, 17). Eis porque o Espírito e a Igreja rogam: «Vem, Senhor Jesus!» (*Ap* 22, 17.20), já que a sua vinda nos libertará do Maligno.

#### **CIC 56-64, 220, 715, 762, 1965: história das alianças**

**56** Desfeita a unidade do género humano pelo pecado, Deus procurou imediatamente salvar a humanidade intervindo com cada uma das suas partes. A aliança com Noé, a seguir ao dilúvio<sup>15</sup>, exprime o princípio da economia divina em relação às «nações», quer dizer, em relação aos homens reagrupados «por países e línguas, por famílias e nações» (*Gn* 10, 5)<sup>16</sup>.

**57** Esta ordem, ao mesmo tempo cósmica, social e religiosa, da pluralidade das nações<sup>17</sup>, destinava-se a limitar o orgulho duma humanidade decaída, que, unânime na sua perversidade<sup>18</sup>, pretendia refazer por si mesma a própria unidade, à maneira de Babel<sup>19</sup>. Mas, por causa do pecado<sup>20</sup>, quer o politeísmo quer a idolatria da nação e do seu chefe são uma contínua ameaça de perversão pagã a esta economia provisória.

**58** A aliança com Noé permanece em vigor enquanto durar o tempo das nações<sup>21</sup>, até à proclamação universal do Evangelho. A Bíblia venera algumas grandes figuras das «nações», como «o justo Abel», o rei e sacerdote Melquisedec<sup>22</sup>, figura de Cristo<sup>23</sup>, ou os justos «Noé, Danel e Job» (*Ez* 14, 14). Deste modo, a Escritura exprime o alto grau de santidade que podem atingir os que vivem segundo a aliança de Noé, na expectativa de que Cristo «reúna, na unidade, todos os filhos de Deus dispersos» (*Jo* 11, 52).

<sup>12</sup> Cf. *Jo* 14, 30.

<sup>13</sup> Cf. *Jo* 12, 31; *Ap* 12, 10.

<sup>14</sup> Cf. *Ap* 12, 13-16.

<sup>15</sup> Cf. *Gn* 9, 9.

<sup>16</sup> Cf. *Gn* 10, 20-31.

<sup>17</sup> Cf. *Act* 17, 26-27.

<sup>18</sup> Cf. *Sb* 10, 5.

<sup>19</sup> Cf. *Gn* 11, 4-6.

<sup>20</sup> Cf. *Rm* 1, 18-25.

<sup>21</sup> Cf. *Lc* 21, 24.

<sup>22</sup> Cf. *Gn* 14, 18.

<sup>23</sup> Cf. *Heb* 7, 3.

- 59 Para reunir a humanidade dispersa, Deus escolhe Abrão, chamando-o para «deixar a sua terra, a sua família e a casa de seu pai» (*Gn* 12, 1), para o fazer Abraão, quer dizer, «pai de um grande número de nações» (*Gn* 17, 5): «Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra» (*Gn* 12, 3)<sup>24</sup>.
- 60 O povo descendente de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo eleito<sup>25</sup>, chamado a preparar a reunião, um dia, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja<sup>26</sup>. Será o tronco em que serão enxertados os pagãos tornados crentes<sup>27</sup>.
- 61 Os patriarcas, os profetas e outras personagens do Antigo Testamento foram, e serão sempre, venerados como santos em todas as tradições litúrgicas da Igreja.
- 62 Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egípto. Concluiu com ele a aliança do Sinai e deu-lhe, por Moisés, a sua Lei, para que Israel O reconhecesse e O servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e justo Juiz, e vivesse na expectativa do Salvador prometido<sup>28</sup>.
- 63 Israel é o povo sacerdotal de Deus<sup>29</sup>, sobre o qual «foi invocado o Nome do Senhor» (*Dt* 28, 10). É o povo daqueles «a quem Deus falou em primeiro lugar»<sup>30</sup>, o povo dos «irmãos mais velhos» na fé de Abraão<sup>31</sup>.
- 64 Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens<sup>32</sup>, e que será gravada nos corações<sup>33</sup>. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades<sup>34</sup>, uma salvação que abrangerá todas as nações<sup>35</sup>. Serão sobretudo os pobres e os humildes do Senhor<sup>36</sup> os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança<sup>37</sup>.
- 220 O amor de Deus é «eterno» (*Is* 54, 8): «Ainda que as montanhas se desloquem e vacilem as colinas, o meu amor não te abandonará» (*Is* 54, 10). «Amei-te com amor eterno; por isso, guardei o meu favor para contigo» (*Jr* 31, 3).

<sup>24</sup> Cf. *Gl* 3, 8.

<sup>25</sup> Cf. *Rm* 11, 28.

<sup>26</sup> Cf. *Jo* 11, 52; 10, 16.

<sup>27</sup> Cf. *Rm* 11, 17-18. 24.

<sup>28</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 3: AAS 58 (1966) 818.

<sup>29</sup> Cf. *Ex* 19, 6.

<sup>30</sup> *Sexta-Feira da Paixão do Senhor, Oração universal VI: Missale Romanum*, editio typica, Typis Polyglottis Vaticanis 1975, p. 254 [a tradução oficial portuguesa omite este particular: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 259.267].

<sup>31</sup> JOÃO PAULO II, *Discurso na sinagoga durante o encontro com a comunidade hebraica da cidade de Roma* (13 de Abril de 1986), 4: *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX/1, 1027.

<sup>32</sup> Cf. *Is* 2, 2-4.

<sup>33</sup> Cf. *Jr* 31, 31-34; *Heb* 10, 16.

<sup>34</sup> Cf. *Ez* 36.

<sup>35</sup> Cf. *Is* 49, 5-6; 53, 11.

<sup>36</sup> Cf. *Sf* 2, 3.

<sup>37</sup> Cf. *Lc* 1, 38.

- 715** Os textos proféticos, respeitantes directamente ao envio do Espírito Santo, são oráculos em que Deus fala ao coração do seu povo na linguagem da promessa, com os acentos do «amor e da fidelidade»<sup>38</sup>, cujo cumprimento São Pedro proclamará na manhã do Pentecostes<sup>39</sup>. Segundo estas promessas, nos «últimos tempos» o Espírito do Senhor há-de renovar o coração dos homens, gravando neles uma lei nova; reunirá e reconciliará os povos dispersos e divididos; transformará a primeira criação e Deus habitará nela com os homens, na paz.
- 762** A *preparação* remota da reunião do povo de Deus começa com a vocação de Abraão, a quem Deus promete que há-de vir a ser o pai de um grande povo<sup>40</sup>. A preparação imediata começa com a eleição de Israel como povo de Deus<sup>41</sup>. Pela sua eleição, Israel deve ser o sinal da reunião futura de todas as nações<sup>42</sup>. Mas já os profetas acusam Israel de ter quebrado a aliança, comportando-se como uma prostituta<sup>43</sup>. Eles anunciam uma Aliança nova e eterna<sup>44</sup>. «Esta Aliança nova, instituiu-a Cristo»<sup>45</sup>.
- 1965** A Lei nova ou Lei evangélica é a perfeição, na terra, da Lei divina, natural e revelada. É obra de Cristo e tem a sua expressão, de modo particular, no sermão da montanha. É também obra do Espírito Santo e, por Ele, torna-se a lei interior da caridade: «Estabelecerei com a casa de Israel uma aliança nova [...] Hei-de imprimir as minhas leis no seu espírito e gravá-las-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo» (*Heb 8, 8-10*)<sup>46</sup>.

<sup>38</sup> Cf. *Ez* 11, 19; 36, 25-28; 37, 1-14; *Jr* 31, 31-34; *Jl* 3, 1-5.

<sup>39</sup> Cf. *Act* 2, 17-21.

<sup>40</sup> Cf. *Gn* 12, 2; 15, 5-6.

<sup>41</sup> Cf. *Ex* 19, 5-6; *Dt* 7, 6.

<sup>42</sup> Cf. *Is* 2, 2-5; *Mq* 4, 1-4.

<sup>43</sup> Cf. *Os* 1; *Is* 1, 2-4; *Jr* 2; etc.

<sup>44</sup> Cf. *Jr* 31, 31-34; *Is* 55, 3.

<sup>45</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

<sup>46</sup> Cf. *Jr* 31, 31-34.